

Alemanha (Universum/UFA) 120m,
mudo, P.B.

Realização: Fritz Lang

Produção: Erich Pommer

Argumento: Fritz Lang e Thea von
Harbou

Fotografia: Karl Freund e Günther Rittau

Música: Gottfried Huppertz

Elenco: Alfred Abel, Gustav Fröhlich,
Brigitte Helm, Rudolf Klein-Rogge, Fritz
Rasp, Theodor Loos e Heinrich George

METROPOLIS (1927) METRÓPOLIS

Metrópolis, que originariamente durava mais de duas horas, é o primeiro épico de ficção científica, com os seus enormes cenários, centenas de figurantes, violência e sexo a rodos, moral opressiva, efeitos especiais de última geração, desempenhos excessivos, sequências fantásticas de grande inovação e vestígios de goticismo germânico. Custeada pelos gigantescos estúdios alemães UFA, a película de Fritz Lang colocou-os à beira da falência, dado que foi não só controversa, mas também um imenso fracasso de bilheteira.

O enredo é quase tão simplista quanto um conto de fadas: Freder Fredersen (Gustav Fröhlich), o filho mimado do Senhor de Metrópolis (Alfred Abel), quer conhecer a vida desgraçada de uma multidão de trabalhadores subterrâneos, cujo suor mantém deslumbrante a superfície da cidade. Freder passa a compreender o modo como tudo funciona graças à piedosa Maria (Brigitte Helm) – uma pacifista que não pára de apelar ao diálogo a fim de resolver disputas industriais – e também porque começa a trabalhar numa das máquinas de trituração durante um turno infernal de dez horas. O Senhor aconselha-se junto a Rotwang (Rudolf Klein-Rogge), um engenheiro louco que criou um robô feminóide, que funciona como duplo maligno de Maria, ao ser solto pela cidade. O autómato feminino, depois de dançar num decadente clube nocturno, encoraja um motim destrutivo, que dá a Lang a oportunidade de tirar o máximo partido dos seus imensos cenários fabris, quer fazendo-os explodir, quer inundando-os. Mas nem tudo está perdido: as crianças são salvas da inundação por Freder e pela verdadeira Maria, a qual decreta que o coração (Freder) deve servir de mediador entre o cérebro (Senhor) e as mãos (trabalhadores), trazendo, assim, a paz a Metrópolis.

A distribuição desta película dispendiosa foi interrompida pouco depois da sua estreia e, contrariando os desejos de Lang, o filme foi remontado. A maior parte do público conheceu, assim, uma *Metrópolis* truncada, simplificada e até colorida, como é o caso da versão de Giorgio Moroder nos anos 80. Só no século XXI nos aproximámos da verdadeira obra de Lang, devido a uma restauração parcial, que recuperou muitas cenas ignoradas durante décadas e as colocou na sua ordem original e com os intertítulos correctos. Em lugar das cenas ainda não encontradas, foram inseridas legendas de ligação judiciosas. Esta nova versão dá a *Metrópolis* – que, até certa altura, era considerado um filme de ficção científica espectacular, mas simplista – uma nova dimensão. O imaginário futurista da película passa a ter um sentido não profético, mas mítico, uma vez que elementos da arquitectura, indústria, *design* e política dos anos 20 são misturados com referências medievais e bíblicas de modo a criar imagens de uma estranheza impressionante: um cientista louco com uma mão de aço que é, em simultâneo, um alquimista do século XV; um robô queimado na fogueira, qual bruxa; os trabalhadores de uma fábrica enorme que marcham penosamente em direcção às mandíbulas de uma máquina, similar ao antigo deus Moloch. Enquanto o desempenho de Fröhlich como herói que simboliza o coração é excessivo e desenfreado, as interpretações de Klein-Rogge, Abel e, em especial, de Helm – no papel duplo de santa redentora e *femme fatale* metálica – são assombrosas. A recuperação de uma grande quantidade de cenas que exploram as motivações contraditórias dos personagens devolve ao enredo a sua coerência, pelo que este pode, agora, ser visto como um drama familiar retorcido ou como uma epopeia da repressão, revolução e reconciliação. KN

